

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE ENSINO
POS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

GLÉLIA A. BARRETO ISAAC

**A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM**

Anápolis

2009

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Glélia A. Barreto Isaac

RESUMO

A educação é uma das ações que definem nossa humanidade: o ser humano transcende seu status animal, pois vai além dos instintos: compreende, reelabora, reflete, cria e recria, critica, aprende, ensina. A busca do homem através da história é sempre uma busca de compreender e transformar a realidade. Uma característica distintiva do ser humano é a necessidade do supérfluo. O que ultrapassa os limites das necessidades básicas essenciais à sobrevivência e coloca-se no campo da atribuição do sentido é o que nos torna humano. A admiração diante de um por do sol, a necessidade de deixar uma marca que dure além do efêmero tempo de nossa existência, o incômodo diante da desorganização e a valorização de certa ordem individual, o espanto diante do inusitado, a apreciação da beleza, a reflexão sobre o que é diferente e nos provoca, todos os seres humanos vivenciam essas situações ao longo de suas vidas, pois são constituídos de dimensões físicas, cognitivas, emocionais, sociais, éticas e estéticas para transformar a sociedade da qual faz parte. Essa característica pluridimensional do ser humano por si só já seria válida para justificar a importância da arte na educação.

Palavras-chave: Arte. Educação. Expressão, transformação, vida.

1Professora de artes visuais - Escola de Artes Oswaldo Verano

E-mail: glenia.barreto@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A arte é das mais significativas manifestações da habilidade do ser humano para pensar e para aspirar algo que vá além da mera sobrevivência. Nos momentos de crise - que se tornam cada vez mais freqüentes – quando a degradação do ser humano chega ao ponto de violentar a própria espécie, censurando, amordaçando e até mesmo destruindo, a arte tem se caracterizado como uma das poucas manifestações que insiste em defender e preservar as idéias de liberdade e dignidade humanas. Em todos os tempos em todas as épocas e em todos os povos, a expressão da arte tem marcado a capacidade de abstração do ser humano, a habilidade para usar símbolos que possibilitam uma das mais importantes conquistas da raça humana: a linguagem. Como expressão e como linguagem, a arte sintetiza uma parcela palpável, inconfundível da experiência humana. (MARTINS; 1990, p 62).

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente, em quase todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com as normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. (PARMETROS CURRICULARES NACIONAIS; 1997 p.21).

Ao longo da história da arte, o construir – representar – exprimir mostra-se em várias ênfases, maneiras, tendências e períodos. Há uma ênfase no exprimir em momentos como o Romantismo e o Expressionismo que defendem a criação artística e a concepção de beleza subordinados ao sentimento interior, em oposição à correspondência a modelos e regras de construção técnico-inventiva, como ocorria no Classicismo. Tais manifestações ocorreram em função de determinadas condições estéticas, históricas e de difusão de novas idéias. O fazer técnico-inventivo, o representar com imaginação o mundo da natureza e da cultura, e o

expressar sínteses de sentimentos estão incorporados nas ações do produtor da obra artísticas, na própria obra de arte, no processo de apresentação dos mesmos à sociedade e nos atos dos espectadores. Assim num contexto histórico-social que inclui o artista, a obra de arte, os difusores comunicacionais e o público, a Arte apresenta-se como produção, trabalho, construção. Nesse mesmo contexto a arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento do mundo; é, também, expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa que se manifesta que se simboliza. A arte é movimento na dialética da relação homem-mundo. (FUSARI, FERRAZ; 1993,p.18 19).

O fazer artístico não pode ser entendido como uma aventura individual de uma inteligência ou sensibilidade especialmente dotada, visando um fim em si mesmo. Duvignaud aponta, com propriedade, que em cada obra cada o artista parece inculcar toda uma comunidade, ou seja, toda a substância social. A obra de arte só pode ser entendida como tal enquanto ela puder ser assim definida pelo homem, aqui e acolá ontem, hoje ou amanhã. (BARBOSA; 1991, BERG. XII). O conceito de criatividade também se ampliou pretende-se não só desenvolver a criatividade pelas leituras de interpretações das obras de Arte. Para o Modernismo, um dos fatores envolvidos na criatividade o de máximo valor era a originalidade.

Atualmente, a elaboração e a flexibilidade são extremamente valorizadas. Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência o mundo cotidiano. A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. como resultado da incapacidade de ler essas imagens, aprende-se, por meio delas inconscientemente. A leitura de imagens fixas e móveis da publicidade a exercitar a consciência acerca daquilo que se aprende por meio da imagem. Por outro lado, na escola, a leitura da obra de Arte prepara o grande público para a recepção da Arte e nesse sentido Arte–educação é também é mediação entre a Arte e o Público. (BARBOSA; 2003,p. 19).

2. A ARTE E SEUS CONCEITOS

A Arte¹ é das mais inquietantes e eloquentes produções do homem. Arte como técnica, lazer, derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão, são variantes do conhecimento arte que fazem parte do universo conceitual, estritamente ligado ao sentimento de humanidade. Mas, como a arte esta intimamente vinculada ao seu tempo, não podemos dizer que ela se esgote em um único sentido ou função (FERRAZ, FUSARI 1971 p.76).

Ao definir a arte, é preciso levar em conta que são quase sempre empobrecedoras. As poucas palavras das definições não expressão todas as características e riquezas do objeto definido. Tradicionalmente, a definição de arte oscilou entre afirmar que arte é um fazer, arte é beleza, arte é forma, arte é comunicação, arte é representação. Ou ainda, nos tempos modernos, entende - se a arte como uma forma especial de conhecimento ou de expressão. (CORDI; et al.,Para Filosofar; p. 257)

Buscar definições para a arte, pode-se esbarrar em conceitos até contraditórios e que foram incorporados pela cultura, para não incorrer em desvios de posicionamentos apressados, precisa-se aprofundar estudos, ampliar reflexões, que levem a compreensão da arte, com suas múltiplas formas, tanto dentro do tempo atual, quanto em diferentes épocas. Além disso, refletir sobre os sentidos, as funções e os significados da arte, é conduzir necessariamente ao conhecimento do próprio processo artístico, que inclui o produtor (artista, autor), a obra e suas relações com o público. (FERRAZ; FUSARI 1991, p.99).

Para decidir o que é arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. A cultura também prevê locais específicos onde à arte pode manifestar-se quer dizer, onde suas imagens também dão estatuto de arte a um objeto. (COLI;1981, p.10). “Toda obra de arte é de alguma maneira feita duas vezes. Pelo criador e pelo espectador, ou melhor, pela sociedade à qual pertence o espectador”.

¹ Etimologia da palavra arte: O termo arte deriva do latim ARS, que significa habilidade na realização de ações especializadas, como arte de jardinagem ou de jogos de xadrez. Em sentido amplo o conceito faz referência tanto a habilidade técnica como ao talento criativo.

(BOURDEAU,1986). O pensamento de BOURDEAU nós dá a dimensão da arte e sua compreensão, ou seja, do artista que faz e exercita o entendimento de suas imagens, assim como nós que a olhamos, as vemos e tentamos compreender o artista e todo um contexto antropológico, social, político e cultural, visivo nas suas imagens. Segundo MARCEL DUCHAMP, a obra só se completa na presença do espectador e, para HÉLIO OITICICA, ela só se completa ao ser compreendida por outros, inclusive pelo artista ao enfrentar as ânsias advindas de seu próprio trabalho ao encontrá-lo novamente (fora do espaço de produção). (BARBOSA; 2003, p 35). O significado da arte, e o que ela quer transmitir, os artistas raramente esclarecem, já que para eles a obra diz tudo.

Felizmente, certos símbolos ocorrem com tanta regularidade no espaço e no tempo que podem ser considerados virtualmente universais. No entanto, o seu significado exato é específico de uma dada cultura, dando origem à espantosa diversidade da arte. (JANSON; 1986, p.10).

As definições mais conhecidas de arte, recorrentes na história do pensamento, podem ser reduzidas a três: ora a arte é concebida como um fazer, ora como um conhecer, ora como um exprimir. Estas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem umas às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras, mas permanecem em definitivo as três principais definições da arte. Na antiguidade prevaleceu a primeira: a arte foi entendida como um fazer em que era, explícita ou implicitamente, acentuado o aspecto executivo, fabril, manual. Mas o pensamento antigo pouco se preocupou em teorizar a distinção entre a arte propriamente dita e o ofício ou a técnica do artesão. Permaneceu um equívoco, não dissipado nem mesmo pela distinção entre arte liberal e arte servil, que confinava artes grandes, como as plásticas e figurativas, nas artes inferiores, e era intimamente contraditória, porque, precisamente, exaltava aquelas artes em que era menos evidente a característica que, por definição, atribuíam-se à arte; isto é, o aspecto executivo e manual. (FERRAZ, FUSARI 1991, p. 100).

Existe uma noção dentro da cultura, que designa a posição máxima de uma obra de arte nessa ordem: o conceito de obra prima. Esta noção é antiga, e ela não possui exatamente o sentido que possui com o tempo. Os dicionários nos dirão que obra prima é a obra perfeita, a obra capital, a produção mais alta de um autor. No passado, entretanto, a obra prima era aquela que coroava o aprendizado de um

ofício que testemunhava a competência do seu autor. Não se tratava de uma realização forçosamente inovadora, original, e era com freqüência um objeto utilitário, saído das mãos de um carpinteiro, ourives ou tecelão. O ofício exercido em ateliês aconteceu aproximadamente a partir do século xiv. Constituíam um sistema não apenas de produção e de distribuição de objetos, mas também de ensino. O ateliê tinha um mestre, que ensinava os aprendizes. Estes começavam crianças e adquiriam todas as técnicas necessárias ao ofício (COLI; 1987; p.14).

Com o romantismo, prevaleceu a teoria que fez com que a beleza da arte consistisse não na adequação a um modelo ou a um cânone externo de beleza, mas na beleza da expressão, isto é, na íntima coerência das figuras artísticas com o sentimento que as anima e suscita. Segundo Kant, a natureza só é bela quando possui a aparência da arte. Hegel vai além ao dizer que a beleza só cabe a arte, jamais a natureza. Então, as concepções de arte como expressão, multiplicaram-se e aprimoraram-se até as duas últimas, de Croce e de Dewey, e no fundo, permanecem na base das teorias que concebem a arte com uma linguagem, e até nas bases das teorias semânticas. Mas em todo o decurso do pensamento ocidental, é também recorrente a concepção, em que o aspecto executivo e exteriorizador são secundários, senão supérfluo, entendendo-a ora como a forma suprema ora como a forma ínfima do conhecimento, mas, em todo o caso, como visão da realidade: ou da realidade sensível na sua plena evidencia, ou de uma realidade metafísica superior e mais verdadeira, ou de aparência da arte realidade espiritual mais íntima, profunda e emblemática. (FERRAZ; FUSARI 1991, p.100).

O fato é que a arte não é somente executar, produzir, realizar e simples “fazer” não basta para definir sua essência. A arte é também invenção. Ela não é execução de qualquer coisa já ideada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. Ela é tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer, e o modo de fazer. A arte é uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu*, simultâneas e inseparáveis, na qual o incremento de realidade é constituição de um valor original. Concebe-se executando, projeta-se fazendo, encontra-se a regra operando, já que a obra existe só quando é acabada, nem é pensável projetá-la antes de fazê-la e só escrevendo, ou pintando, ou contando ela é encontrada e é concebida e é inventada. A arte é, portanto, um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado, unido e um aspecto inventivo. E

a realização não é somente um facere, mas propriamente um perficere, isto é, um acabar, um levar a cumprimento e inteireza de modo que é uma invenção tão radical que dá lugar a uma obra absolutamente original e irrepetível. Mas estas são as características da forma, que é, precisamente, exemplar na sua perfeição e singularíssima na sua originalidade.

De modo que pode dizer-se que a atividade artística consiste propriamente no “formar”, isto é, exatamente num executar, produzir e realizar, que é, ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir. Os conceitos de forma e formatividade parecem, portanto, os mais adequados para qualificar, respectivamente a arte e a atividade artística. Para a atualidade dessa concepção contribuíram alguns desenvolvimentos do pensamento moderno, que, provindo de pontos de partida diversos, mostram uma convergência significativa de conclusões.

Sobre o caráter formativo da atividade artística, Goethe, atento teorizador, das relações entre arte e natureza, escreveu páginas memoráveis e atualíssimas, sobre analogias entre obras de arte e organismos da natureza, Schelling chamou a atenção; Focillon falou da vida das formas e grande parte da estética francesa contemporânea insistiu na contemporaneidade da invenção e da execução; a psicologia da forma convidou a meditar sobre conceitos de totalidade e estrutura; Whitehead renovou a problemática do conceito de organização e organicidade; Dewey insistiu sobre os conceitos de “acabamento” e de “êxito”; na Itália, Augusto Guzzo mostrou como na atividade humana se nucleiam formas que, pelo seu exemplar sucesso, dão lugar a estilos, quem escreve estas páginas procurou teorizar uma estética da “formatividade”, que concebe as obras de arte como organismos vivendo de vida própria e dotados de legalidade interna, e que propõe uma concepção dinâmica da beleza artística.

Tentando fechar o leque das definições de arte, Dino Formaggio, propôs uma antidefinição: “arte é tudo aquilo a que os homens chamam arte”. O pensador italiano nos cobra, com essa simples frase uma profunda reflexão e a necessidade de repensar toda a história da arte. A sua afirmação não é tão simples como parece à primeira vista. Ao contrário, ela situa historicamente todas as definições de arte aqui tratadas.

3. Arte Educação. Aquecendo uma transformação: atitude e valores no ensino da arte.

Pela lei de Diretrizes e Bases Nacional², a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina. A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditória e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). ““ Para agravar a situação, durante os anos 70-80, tratou-se dessa formação de maneira indefinida:”, não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”.

A Educação Artística demonstrava, em sua concepção e desenrolar, que o sistema educacional vigente estava enfrentado dificuldades de base na relação entre teoria e prática. Os professores de Educação Artística, capacitados inicialmente em cursos de curta duração, tinham como única alternativa seguir os documentos oficiais (guia curriculares) e livros didáticos em geral, que não explicitavam fundamentos orientações teórico-metodológico ou mesmo bibliografias específicas. As próprias faculdades de Educação Artística, criadas especialmente para cobrir o mercado aberto pela lei, não estavam instrumentadas para a formação mais sólida do professor, oferecendo cursos eminentemente técnicos, sem bases conceituais. Desprestigiados, isolados e inseguros, os professores tentavam equacionar um elenco de objetivos inatingíveis, com atividades múltiplas, envolvendo exercícios musicais, plásticos, corporais, sem conhecê-lo bem, que eram justificados e divididos apenas pelas faixas etárias.

² LBD- Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394). É a lei orgânica e geral da educação brasileira, dita as diretrizes e bases da organização do sistema educacional, criada no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso e do ex- ministro da educação Paulo Renato de Souza.

De maneira geral, entre os anos 70 e 80, os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém formados em educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em artes. A partir dos anos 80 constitui-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de artes, tanto da educação formal como da informal.

O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem às discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área. As idéias e princípios que fundamentavam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em arte.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, inicia-se a discussão sobre a nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Convictos da importância do acesso escolar dos alunos do ensino básico também à área de artes, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade da área. Com a lei n.9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e Artes é considerada obrigatória na educação básica:” O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos “(art.26 parágrafo 2º). É com esse cenário que se chegou ao final da década de 90, mobilizando novas tendências em Artes, pensando no terceiro milênio. São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Artes e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997.28,29, 30). Nos últimos anos os esforços para entender a Arte/Educação ou o ensino da Arte em relação à cultura em que se insere, gerou estudos significativos.

Elliot Eisner estabelece uma taxonomia das visões da arte/educação que persiste na contemporaneidade. Suas conceituações de arte e de educação o aproximam de Dewey e de Freire. Conceitua a educação como um processo de aprender como inventar a nós mesmos. Freire diz que a educação é um processo de ver a nós mesmos e ao mundo a nossa volta. Para ambos a educação é mediatizada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por linguagens, impactada por crenças, classificada pela necessidade afetada por valores e moderada pela individualidade. É na valorização da experiência que os três filósofos e/ou epistemólogos se encontram.

Atualmente a abordagem mais contemporânea de arte/educação na qual estamos mergulhados no Brasil é associada ao desenvolvimento cognitivo. Por meio dela se afirma a eficiência da arte para desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidade construir, formular hipóteses e decifrar metáforas. Toda essa reflexão sobre a utilização da arte/educação como caminho de desenvolvimento do educando leva a uma reflexão sobre o desenvolvimento do ser humano integral.

No início dos anos setenta, a Arte/Educação organizou-se fora da educação escolar a partir das idéias da Escola Nova e da Educação através da Arte³. Esse modo de ver a arte vem propondo uma ação educativa, criadora, ativa e centrada no aluno, caracterizando por um posicionamento idealista, direcionado para uma relação subjetiva com o mundo. A arte/educação vem-se preocupando com novas metodologias de ensino, discute a valorização do professor de artes, conscientizando-o da importância da sua ação profissional e política na sociedade, repensando em seu trabalho consciente, duradouro no qual o educando encontre um espaço para o seu desenvolvimento pessoal e social por meio de vivências e posse do conhecimento artístico e estético.

A arte deve ser entendida como um ramo do conhecimento em mesmo pé de igualdade que outras disciplinas dos currículos escolares e a interação entre a concepção de arte e a concepção de educação encaminham-se na confluência do que se conhece como arte/educação, conceito que aponta para o entendimento de

³ A Pedagogia Nova, também conhecido por movimento do escolanovismo ou Escola Nova, tem suas origens no final do século XIX na Europa e Estados Unidos, sendo que no Brasil seus reflexos começam a chegar por volta de 1930. Contrapõe-se à educação tradicional para a transformação de uma sociedade mais democrática.

uma questão mais ampla que é a arte no espaço educativo: um projeto pedagógico com uma prática em arte.

Destaca-se a questão tendo em vista que nenhuma outra disciplina tem necessidade de uma ênfase em sua nomenclatura, quando numa inclusão, numa proposta pedagógica. Não existe a necessidade de nomear geografia-educação, biologia-educação etc. A esse respeito, Barbosa faz a seguinte consideração: “Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem domínio, uma linguagem, uma história. Constitui-se, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas em meia atividade” (1991:6).

A arte/educação é epistemologia da arte e, portanto, é a investigação dos modos como se aprende arte na escola de 1º e 2º graus na universidade e na intimidade dos ateliês. Talvez seja necessário para vencer o preconceito, sacrificar a própria expressão arte/educação que serviu para identificar uma posição e vanguarda do ensino da arte contra o oficialismo da educação artística dos anos setenta e oitenta. Elimina-se a designação arte/educação e passa-se a falar diretamente de ensino da arte e aprendizagem da arte sem eufemismo, ensino que tem de ser conceitualmente visto na escola fundamental, nas universidades, nas escolas profissionalizantes, nos museus, nos centros culturais a ser previsto nos projetos de politécnica que se anunciam (BARBOSA 1991: 6.7).

E na ação dos professores, que se pode reverter o quadro e tornar o ensino da arte uma prática significativa para quem dela participa. Acredita-se que a concepção de arte que pode auxiliar na fundamentação de uma proposta de ensino e aprendizagem artística e estética é a que aponta para uma articulação do fazer, do representar e do exprimir (PAREYSON, 1984). As práticas educativas aplicadas em sala de aula vinculam a uma pedagogia, ou seja, a uma teoria de educação escolar impregnadas de concepções filosóficas, ideológicas, que influenciam a pedagogia e isso também ocorre no ensino da arte. A tendência Idealista liberal em artes sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais (Libâneo 1985, pág. 2).

As teorias de educação escolar que amparam esse posicionamento são consideradas poucas críticas da educação quanto as suas interferência sociais, elas são conhecidas como concepção idealista. A pedagogia tradicional tem como base

idealista uma pedagogia em que os indivíduos são “libertados” pelo conhecimento adquirido na escola e podem por isso organizar com sucesso uma sociedade mais democrática.

Nas aulas de artes a tendência tradicional vem desde o século XIX, onde predominava uma teoria estética mimética. Já na Europa predomina influências de ideais liberais e positivistas. Portanto na pedagogia tradicional a ênfase é dada a um fazer técnico e científico de conteúdo reprodutivista.

A Pedagogia Renovada conhecida como Escolanovismo ou Escola Nova, tem início no Brasil, na década de 30, contrapõe a educação tradicional em direção ao ideal de assumir a organização de uma sociedade mais democrática.

Quanto ao ensino de Artes, os escolanovistas rompem com a cópia de modelos, valorizando os estados psicológicos dos educandos. Esta teoria de arte com base na psicologia e centrada no aluno, produtor dos trabalhos artísticos vem até início dos anos 90.

Barbosa nos dá uma importante contribuição para aprofundar a compreensão acerca das origens das concepções da Pedagogia Nova. A autora analisa pormenorizadamente fases de desenvolvimento das idéias de Dewey (1859-1925), sobretudo as relativas ao ensino da Arte, tendo como princípio a função educativa da experiência, cujo centro é o aluno.

LAWENFELDE (1903-1960) foi um filósofo educador influenciado pelas teorias freudianas, publica um livro “Creative and mental growth”-(1977) em português, Desenvolvimento da Capacidade Criadora, onde o autor se mostra a favor da pedagogia escolanovista. No primeiro capítulo dessa obra, intitulado “O significado da arte para a educação” ele diz:

“Em nosso sistema educacional damos realmente ênfase aos valores humanos? Ou estamos ofuscados pelas recompensas materiais que não logram reconhecer que os verdadeiros valores da democracia residem no seu mais precioso bem, o indivíduo?”

O mais perturbador em nosso sistema educacional é a importância da capacidade de repetir fragmentos de informações que pode ter pouca relação com o membro cooperante e bem ajustado a sociedade que pensávamos estar produzindo (...).

O autor dá ênfase à importância da arte na educação para garantir uma aprendizagem que acompanhe o desenvolvimento natural do indivíduo, não só nos seus aspectos intelectuais, mas, também, sociais, emocionais, perceptivos, físicos, psicológicos com diferentes tipos de ensino para desenvolver de forma livre e flexível a sensibilidade e a conscientização de todos os sentidos, realizando, assim, uma interação com o meio, formas construtivas de auto-expressão e auto-identificação dos sentimentos dos indivíduos a partir das experiências pessoais e bem ajustados ao meio para que vivam cooperativamente na sociedade.

READ (1893-1968) formula sua teoria. Em “A Educação pela Arte”, obra publicada em 1943 discute a questão do objetivo da educação, afirmando que a base desta reside na liberdade individual, com todas as suas diferenças, buscando uma integração do indivíduo com a sociedade.

No Brasil, Augusto Rodrigues⁴ foi quem iniciou o movimento de educação pela arte, criando no Rio de Janeiro em 1948, a escolinha de artes do Brasil recuperando a valorização da arte infantil e a concepção de arte na expressão e na liberdade criadora. Depois dos anos 60, por falta de avaliação do método da livre expressão levaram inúmeros professores a extremos, onde tudo era permitido.

No início dos anos 70 é assinada no Brasil, a lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional n-5 692/71 que introduzia no currículo escolar de 1º e 2º graus a Educação Artística. Os professores de desenho, música, trabalhos manuais, canto e coral, e artes aplicadas que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos nestas matérias repentinamente transformadas em “meras atividades artísticas” tratando a educação artística de modo indefinido.

Desta forma, os professores, inseguros e despreparados apoiavam-se cada vez mais nos livros didáticos. Uma pesquisa realizada por Ferraz e Siqueira (1987) mostra que a maioria dos professores atuava equivocadamente, pois diziam não adotar livros didáticos, mas os utilizavam na preparação de suas aulas (muitas vezes até copiando o sumário), além disso, conhecem muito pouco a fundamentação teórico-metodológica de ensino aprendizagem de arte, as autoras detectaram como causas principais do problema a falta de condições de trabalho na

⁴ No Brasil Augusto Rodrigues, iniciou a divulgação do movimento Educação pela Arte depois de manter contactos com Herbert Read e criar no Rio de Janeiro em 1948, a Escolinha de Artes do Brasil, recuperando a valorização da arte infantil, e a concepção de arte na expressão e liberdade criadora.

formação universitária, inseguros, incapazes para aprofundar seus conhecimentos em arte, bem como explicitar, discutir e praticar um planejamento de educação.

O ensino de arte, hoje, na verdade, apresenta influência das três pedagogias, embora descritas separadamente, na prática elas se fundem. Nos anos 60, a tendência realista-progressista dos educadores preocupados com o rumo da educação escolar, passa a discutir a real contribuição da escola na melhoria das práticas sociais. As propostas educacionais apresentadas pela pedagogia libertadora (apresentada por Freire) sugerem uma educação do povo de caráter não formal, não diretiva, não autoritária, visando libertar as pessoas da opressão, da ignorância e da dominação, conduzindo o povo para uma consciência mais clara dos fatos vividos.

A compreensão do papel da escola nas mudanças sociais, a “educação e a escola são partes integrantes da totalidade social, agir no interior da escola é contribuir para transformar a própria sociedade.” É pela presença do professor que se torna possível a ruptura entre a experiência pouco elaborada dos alunos, rumo dos conteúdos culturais universais permanentemente reavaliados face as realidades sócias” (Cenafor1983 p 30).

Libâneo também contribuiu para a elaboração dessa pedagogia ressaltando a natureza do trabalho docente hoje no qual “um saber, um saber ser e um saber pedagógico” devem “integrar aspectos materiais/formal do ensino e ao mesmo tempo articulá-lo com movimentos concretos, tendentes à transformação da sociedade.”.

Esta tendência ainda se encontra em plena discussão abrindo possibilidades conceituais e transformadoras. E na ação dos professores conscientes e bem preparados que poder-se reverter o quadro e tornar o ensino da arte uma prática significativa.

Segundo Barbosa “não é possível uma educação intelectual, formal ou informal de elite ou popular sem arte, porque é impossível o desenvolvimento do pensamento presentacional que caracteriza a arte.”

Se pretendermos uma educação humanizadora a necessidade da arte é crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade ao redor e desenvolver a capacidade criadora para modificar a realidade. A primeira tarefa do Estado é então a formação de recursos humanos, de pessoal capacitado

para decodificar e potencializar as forças que controlam a cultura, estimular o acesso a todos à livre expressão propiciar o desenvolvimento orgânico das artes dentro do contexto local, valorizando as trocas de idéias e experiências, identificarem os padrões específicos de organização cultural de uma comunidade para entender novos vocabulários e novos contextos estéticos.

Porque arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte é cognição e profissão é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo a realidade o imaginário, e é conteúdo. “Arte representa o melhor trabalho do ser humano.” (Barbosa; 1989, p. 4).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se que o compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico. No caso do professor de Artes, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectada a uma concepção de Artes, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese ele precisa saber arte e saber ser professor de arte.

O desenvolvimento da área de artes se dará quando o professor atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, e suas diversas manifestações. E para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir saberes no estético e artístico.

Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao Mesmo tempo o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade.

O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. Encontrar uma maneira de organizar o trabalho de educação escolar que contribua nesse rumo é um desafio para o coletivo dos professores comprometidos em conseguir escolas de melhor qualidade para toda a população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**: Editora Perspectiva S.A, São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1995.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**: Editora Cortez, 2 ed. São Paulo: 2003.

BRASIL. **Leis de diretrizes e bases da educação Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. **Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/ SEB, 1997, p. 83-113.r

BOURDIER, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Presença, s.d., 1982.

CENAFOR (Fundação Centro Nacional de aperfeiçoamento de Pessoas para a Formação Profissional) **Reiventando a Prática dos Orientadores Educacionais e Supervisores Escolares**. São Paulo: Cenafor, 1983

COLI, Jorge. **O Que É Arte**. Sao Paulo, Editora Brasiliense S.A: 1981

CORDI. Cassiano e outros. **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000

DEWEY, J. **El arte como experiência**. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994.

EISNER, E. W. **Educating Artistic Vision**. Nova Yorque/ Londres: Macmillian.

FERRAZ, M^a Heloísa C. de T. e FUSARI, M.F.R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez. 1992.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar. 1971.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo, Cortez, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FORMAGGIO, Dino. **Arte**. Lisboa: Presença, 1985.

JANSON, H.W. **Historia da Arte**. Fundação Calouste Gulbenkian/ Lisboa, 1989

LIBÂNEO, José. Carlos. **Didática**. 15. São Paulo: Cortez, 1999

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN.W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade Criadora**. São Paulo: Martins Fontes. 1984.

MARTINS, Raimundo. **Sentir ou Pensar? O Paradoxo do Conhecimento em Musica** ed. Em Pauta, Porto Alegre: 1989.

PAZ, O. **Marcel Duchant ou o Castelo da pureza**. São Paulo: perspectiva. 1977

PEREYSON, Luigi. **Os problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes. 1984.

Faculdade Católica de Anápolis
Instituto Superior de Educação

Glélia A. Barreto Isaac

A importância da Arte no Processo de Aprendizagem

Este artigo foi apresentado para fins de avaliação final, no curso de psicopedagogia como requisito para aquisição do certificado. Tendo como orientadora: Professora Ms Edna Faria.

Anápolis-Go

2009

Faculdade Católica de Anápolis
Instituto Superior de Educação

Glélia A. Barreto Isaac

A Importância da arte no Processo de Aprendizagem

Anápolis-Go

2009